

A watercolor illustration of a robin perched on a branch in front of a multi-tiered fountain. Pink flowers are scattered throughout the scene, including some on a branch in the upper right and others on a tree in the background. The background is a mix of blue, green, and brown washes.

ERITRINA, a heroína

Ana Cristina Tavares

Ilustração
Rui Gaspar

DESCOBRIRAS
CIÊNCIAS
COLEÇÃO

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra - Coimbra University Press

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online - Online sale

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

TÍTULO

Eritrina, a heroína

AUTORA

Ana Cristina Tavares

ILUSTRAÇÃO

Rui Gaspar

INFOGRAFIA

Imprensa da Universidade de Coimbra - Coimbra University Press

EXECUÇÃO GRÁFICA

Simões & Linhares

DEPÓSITO LEGAL

513507/23

ISBN: 978-989-26-2282-8

eISBN: 978-989-26-2283-5

DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2283-5>

ERITRINA, a heroína

Ana Cristina Tavares

Ilustração
Rui Gaspar



Eritrina chegou pequenina a Coimbra para
conhecer novas plantas e outras paragens.
Vinha de lá longe, do sul do Brasil,
na América do Sul,
onde também fica a Amazónia,
a que chamam o "pulmão" da Terra.

Diziam-lhe que este Jardim Botânico
era o mais lindo e nele podia
encontrar o mundo todo.

Soube também que as Plantas
portuguesas tinham o nome num
livro "Flora Lusitânica", escrito
pelo diretor Brotero,
um doutor muito sabedor e que tinha estudado
em Paris. Foi ele mesmo que a acolheu
e instalou num quarto, a que chamavam
canteiro, no bairro lindo do Quadrado Central



A
BROTERO
1887

LEGUMINOSAE

Erythrina crista-galli



Foi crescendo a par com outras, muito usadas para fazer medicamentos, e ali havia conversas, visitas e aulas, alunos e professores.

Todos admiravam e observavam as plantas, demoradamente, como se as quisessem conhecer também “por dentro”

Eritrina de seu nome,
pela cor vermelha das flores,
e crista-galli, o segundo nome, pela forma delas,
que lembram a crista de um galo.

Quando os portugueses, a caminho do Oriente,
chegaram ao Brasil, ao verem as vagens
da Eritrina, chamaram-lhe feijoeiro-da-Índia,
por ter os frutos como os do feijoeiro
e pensarem que tinham chegado à Índia.





Pois nem uma coisa nem outra,
apenas é prima do feijoeiro,
da família das Fabáceas,
as leguminosas, sim,
um grande grupo das plantas com flor.



Eritrina deliciava-se com as novidades das viagens, a importância e origem de plantas tão diferentes que como ela vinham de terras distantes e famílias distintas. Adorava viver ali.

O tempo passou, a Eritrina cresceu, com o jardim. Aquele terraço quadrado mudou e ficou mais bonito, com os canteiros concêntricos. Ela e a criptoméria-do-japão, as mais velhas, e que primeiro cresceram, ficaram bem à borda dos canteiros, quase na passagem do caminho.

Assim ficaram, e mais 100 anos tornaram.



Hoje há muita animação,
com as magnólias da China,
e o abrunheiro da **Ásia**, de onde é também o **ácer**;
o liquidâmbar da **América do Norte**
e a aca da **América do Sul**

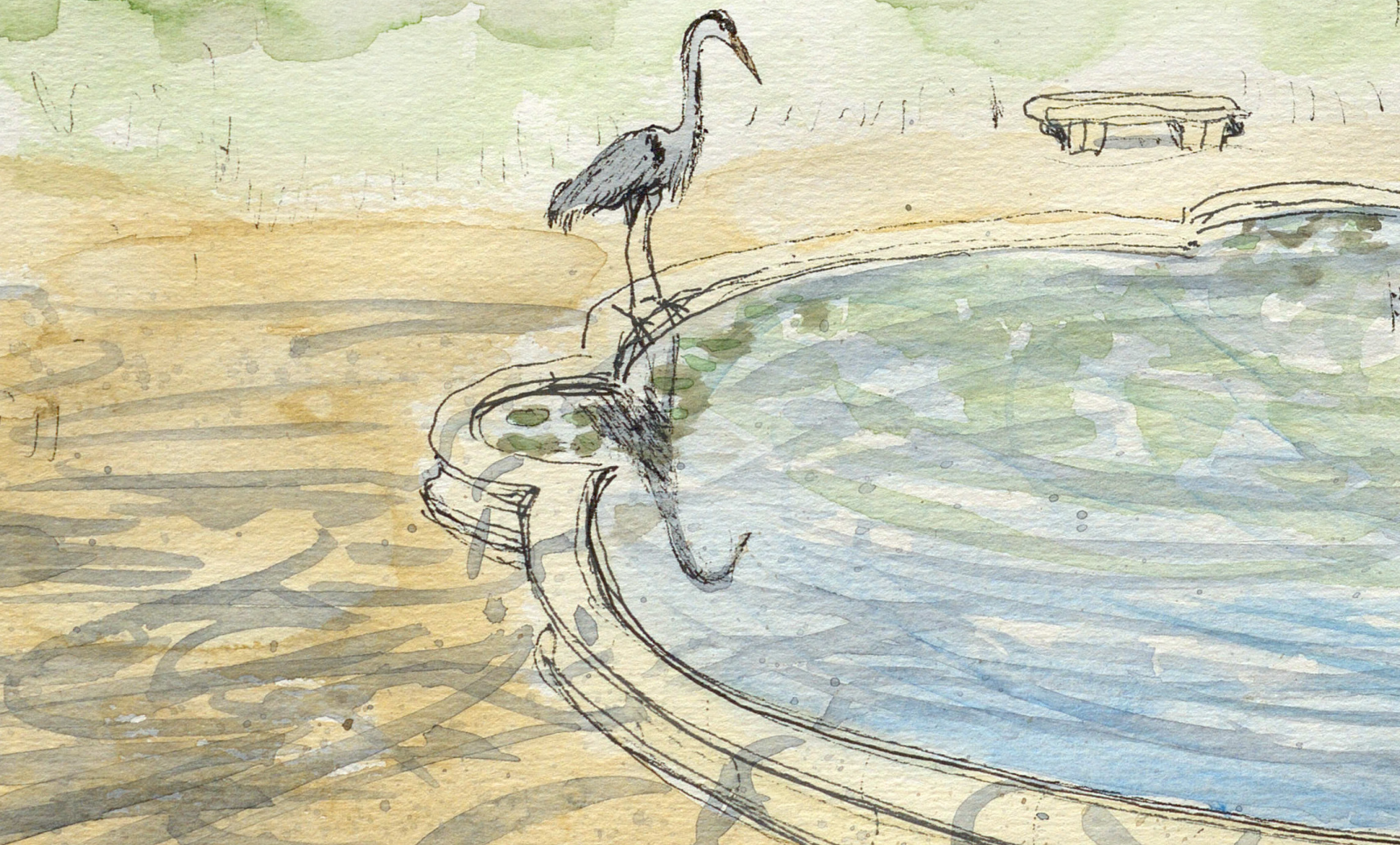




As belas faias e os loendros são da Europa
e a cicas e a cerejeira-de-jardim do Japão.
Da Austrália estão os limpa-garrafas
e de África os agapantos.



Por vezes lembra-se do colibri, que beija a flor lá
no Brasil, mas o pisco-de-peito-ruivo também a procura
e a bela garça-cinzenta não falha, e por lá passa,
quando ao grande lago do fontanário vai pescar.





Com mais de 200 anos e ainda de pé,
é um exemplo de força de vida e venerada
e admirada por toda a gente.

Velhinha, e curvada com o tempo, insiste
e persiste em viver, tronco vazio por dentro,
deixando apenas o mínimo para se manter.

Resistindo a fortes temporais,
mantém as folhas viçosas e consegue produzir
as flores, agora até mais vezes durante o ano,
respondendo e adaptando-se às mudanças do clima.







Ao final da tarde, no sossego dos dias quentes de verão,
quando o jardim acalma, se escuta, num hino, um desejo:
"Vivo livre e admirada | E tanto, tanto, aprendi |
De plantas, histórias e gentes | Tudo aqui eu conheci.

Deixem-me estar até querer | Neste cantinho encantado |
Podem olhar sem mexer | Ficar bem perto, mas ao lado.
Duzentos anos passaram | Sem dar conta, envelheci
Inclinada, mas ainda este ano | Muitas flores, eu produzi.

Homens: não se julguem fortes | Que vence
a Mãe-natureza | Respeitem-na e evitem
as mortes | Todos ganham, de certeza.

Para a Ciência persistir | E a minha experiência contar |
Só peço: quando eu partir | Outra igual para o meu lugar."

“Eritrina” é a protagonista principal de uma história verídica, que revela factos do passado até ao presente do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, promovendo Ciência e o património UC.

Em cenário real, num discurso simples e interdisciplinar conta-se a História do Jardim, dos seus 250 anos (em 2022), factos, pessoas, plantas e animais.

As ilustrações revelam evidências de Ciência, noções de fisiologia e de botânica, e da adaptação e resiliência das plantas, “heroínas”, às alterações climáticas.

Casos do dia-a-dia como este, a explorar preferencialmente ao vivo, facilitam novas descobertas, a interpretação e o entendimento do que nos rodeia, despertando para valores de sustentabilidade que são particularmente relevantes nos mais novos.

Alinhada com a articulação disciplinar e metas curriculares, esta dinamização de ciência viva a integrar em projetos escolares, promoverá conhecimento e competências, sensibilizando a boas práticas a adotar.

Alicerçada nos princípios da educação ambiental realça-se uma mensagem descomplicada sobre literacia e eco cidadania, domínios primordiais face à crise socio ambiental, desafios e exigências para futuro.

Ana Cristina Tavares, Bióloga, doutorada em Biologia pela Universidade de Coimbra (UC), tem Pós-Doutoramento em Ciências da Educação pela Universidade Católica do Porto.

Detém Diploma Internacional “Educação em Jardins Botânicos” (Kew Gardens, Londres), Pós-Graduação “Medicamentos à base de Plantas” (UC) e “Curso Internacional SCORE” (Science Communication for Researchers in Education) na UAveiro.

Atualmente Curadora no Museu da Ciência da UC, foi docente na UC, diretora-adjunta do Jardim Botânico e responsável pelo Serviço Educativo. Coordenadora do Projeto Educativo Europeu INQUIRE no JBUC, participou no Projeto de infraestruturas científicas dos museus universitários (PRISC e PORBIOTA).

A par de artigos científicos é autora de oito livros sobre Ciência, destacando na Imprensa UC: “Plantas aromáticas e medicinais”; “Ritmos do JBUC”; “A alga que queria ser flor”, em cinco versões bilingue e premiado pela Casa das Ciências (2016 e 2017).

Os interesses de pesquisa são em Conservação e Valorização de coleções vivas e museológicas de Ciências, Educação e Comunicação de Ciência.

DESCOBRIRAS
CIÊNCIAS
COLEÇÃO

1 2 9 0



IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS